



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.dfg@dabr.com.br

Palácio do Itamaraty

O professor emérito de arquitetura Frederico Holanda viu Brasília, pela primeira vez, em 1960. Ele tinha 16 anos, chegou em um fusquinha, no meio às nuvens de poeira. Pensou que conhecia a cidade por fotos, porém o contato direto foi muito mais impactante. Viu os edifícios meio soltos no cerrado, sob o céu estrelado do planalto. “Como esta arquitetura é possível, em que planeta ele estava?”, indagou-se.

Dois anos depois, ele ingressou no curso de arquitetura da Universidade Federal de Pernambuco. Em 1970, dois meses

depois da inauguração do Palácio do Itamaraty, Frederico, voltou a Brasília. Perambulava pela Esplanada, quando se deparou com o prédio. Literalmente, perdeu o fôlego. Ele participou do evento Jornada Wladimir Murtinho, promovida pelo Itamaraty, na segunda-feira.

Acompanhemos a fala de Frederico. Ele reconhece Murtinho na condição de mentor e regente da equipe que construiu o Itamaraty. O prédio marca nova ênfase no trabalho de Oscar Niemeyer. Uma fantasia mais contida, formas geométricas mais simples, configuração rigorosamente simétrica. Quatro fachadas idênticas com abertura para todos os lados e a planta quadrada.

Tudo contrasta com o Congresso Nacional, o Supremo Tribunal Federal, o Palácio do Planalto e o Palácio Alvorada, observa Frederico. O prédio evoca os arcos plenos

do palácio homônimo do Rio, transmutados na arcada envolvente em Brasília. O Itamaraty é o único formado por um conjunto de colunas à moda dos templos gregos. Cria-se uma zona de sombra com o recuo da caixa de vidro ante os arcos ao redor. É resgate inovador da história da arquitetura.

Agora, Oscar é menos o Dioniso da curva livre e sensual, como escreveu, e é mais o Apolo do brilho da simplicidade, como diria Glauco Campelo, para caracterizar o clacissismo do novo Itamaraty.

Niemeyer segue a cartilha moderna dos prédios soltos, mas a formalidade da interface é sutil. No Itamaraty, essa relação entre dentro e fora é novamente incomum, instaurada pelo espelho d'água e pela passarela de acesso, pois elas estão quase ao nível da calçada em redor. O que não acontece no STF ou no Alvorada.

Há um tema recorrente: duas massas opacas separadas por um vão transparente central, artifício para reforçar a relação entre espaço interno e o entorno do prédio. Mas é no Itamaraty que Oscar encontra a solução mais elaborada e fascinante.

Embora inscrito em um retângulo de 30 por 54 metros, é um prédio marcado por momentos diversamente configurados, proporcionando a quem circula pelo edifício muitas surpresas. Em alguns trechos não existe a pele que separa o dentro do fora. Você entra e bate direto com os jardins amazônicos de Burtel Marx. A treliça de Athos Bulcão filtra a nossa percepção.

O avarandado das casas coloniais expandiam o espaço interno no externo. No entanto, Niemeyer mais uma vez inova no Itamaraty. O terceiro piso evoca a casa colonial, mais o terraço-jardim concebido por

Le Corbusier, que Oscar tanto admirava. É marcado pelo foco de luz zenital e pelas esculturas de Maria Martins e de Lasar Segall. É contíguo à sala Brasília, onde são servidos os banquetes. Instaura a relação permeável de ritual e de improviso, do formal e do informal, da hierarquia e da igualdade.

Frederico recorre ao poeta inglês John Keats para caracterizar o prazer estético que o prédio do Itamaraty lhe desperta: “deleite eterno”. Para o professor, é a mais importante obra da arquitetura de todos os tempos e espaços. Não pode comprovar a afirmação de maneira científica. A sua declaração está no campo da ética e da estética. O campo dos valores só existe no plano grupal ou legitimamente pessoal. Mas ele coloca a sua percepção em debate: “Tenho uma curiosidade e a exponho: meus valores são correlatos aos vossos?”

Secretaria de Saúde registrou mais de 3 mil ocorrências de covid-19 ontem. Nesta semana, já foram quase 10 mil novos casos da doença na capital. A procura por testagem aumentou e especialista afirma que o DF já enfrenta a quarta onda

Contágio em alta na capital

» THÁIS MOURA
» PAULO MARTINS*

Com a explosão de casos de covid-19 e o aumento na procura por atendimento em hospitais e unidades de saúde, especialista afirma que o Distrito Federal já enfrenta a quarta onda da doença. Ontem, foram registrados 3.055 casos e três mortes por covid-19, segundo a Secretaria de Saúde do DF (SES-DF). Em relação a terça-feira da semana passada, quando 2.142 casos foram registrados, houve aumento de 42,6%. Na última segunda-feira, foram 6,6 mil casos, cerca de 156,4% a mais do que na segunda-feira da semana passada, quando Brasília teve 2.604 testes positivos. A taxa de transmissão da doença também aumentou, de 1,47 na segunda-feira, para 1,53 ontem.

A SES-DF ainda não confirma que a capital enfrenta uma nova onda da doença, mas a preocupação dos brasilienses tem aumentado a cada dia. No fim da manhã de ontem, a fila do posto de testagem da rodoviária do Plano Piloto estava dando voltas. O geógrafo e morador de Taguatinga Lucas Garcia, 29 anos, esperou mais de 1h para fazer o teste de covid. “Já faz uns dias que estou me sentindo mal, com enjojo e vertigem, e tentei fazer o teste mais cedo, em outro posto, na 612 Sul, mas os testes acabaram lá, por hoje. Então, vim para cá, cheguei às 9h30, mas só fui atendido às 11h, porque está muito cheio”, relata.

Lucas teve covid-19 em 2020, antes de se vacinar. Ele não apresentou sintomas fortes, mas desenvolveu sequelas psicológicas. “Eu não tinha mais disposição física e mental para nada, depois da doença. Fiz muitos exames, e, com ajuda de psicólogos, identifiquei que eu realmente estava deprimido por conta da covid. Hoje, ainda uso medicações para a depressão e faço acompanhamento”, diz.

O estudante e morador de Ceilândia Luan Rodrigues, 23 anos, pegou covid em março de 2021, e, na ocasião, ficou internado por 20 dias, foi entubado e teve 70% do pulmão comprometido pela doença. Sem comorbidades, ele conta que se surpreendeu ao ser diagnosticado e que sempre

Marcelo Ferreira/CB/D.A. Press



Fila do posto de testagem da rodoviária do Plano Piloto dava voltas no fim da manhã de ontem. Na UBS 1 da 612 Sul testes acabaram cedo

seguiu os cuidados recomendados pelas autoridades sanitárias. “Eu já tinha tido a doença, em 2020, e não achei que pegaria de novo, mas peguei e tive um quadro bem grave. Hoje, já estou melhor, o nível de comprometimento do meu pulmão caiu para 10%, mas ainda tenho sequelas na memória, e, às vezes, me faltam palavras na mente. Meu pai também pegou, na época, foi internado três dias depois de mim, mas, infelizmente, faleceu”, lamenta o jovem.

A professora Lician de Cássia, 50 anos, também tem receio de pegar a doença novamente e procurou o posto da Rodoviária nesta terça-feira. “Na escola em que trabalho, tem um professor que foi diagnosticado com covid. Como eu lido com crianças, não posso trabalhar doente, então, vim me testar. Já tive covid duas vezes, e, felizmente, não tive sequelas, mas meu irmão ficou internado por 15 dias”, conta a professora. Ela apoia que o uso de máscaras volte a ser obrigatório no DF, justamente para evitar novas internações e quadros graves da doença.

O fortalecimento de medidas restritivas, como o uso obrigatório de máscaras e o isolamento social, também tem o apoio de profissionais da saúde do DF. Para a infectologista Joana D’Arc, há indícios claros de que já estamos vivendo a quarta onda da doença. “Pelo grande aumento de casos, já estamos na quarta onda. Vemos muitas autoridades fugindo de discutir essa questão, mas a população precisa ser instruída e norteada. Não podemos expor a população”, alerta a médica.

Segundo ela, as diferentes mutações e o desenvolvimento de novas cepas do vírus ocorrem devido a maior circulação viral e têm contribuído para o aumento da transmissibilidade. Por isso, é preciso que as autoridades fiquem atentas às aglomerações. “Em vários países não se fala mais em lockdown, porque isso pode resultar em uma ordem incapaz de cumprir. E isso assusta a população, há muita resistência por fatores econômicos e educacionais. Mas nós temos de estar atentos às aglomerações em

Marcelo Ferreira/CB/D.A. Press



A professora Lician de Cássia, 50 anos, teve covid-19 duas vezes

Marcelo Ferreira/CB/D.A. Press



O geógrafo Lucas Garcia, 29 anos, ficou mais de uma hora na fila



Aponte seu celular e veja os locais de vacinação de hoje

shows, festas, eventos, e na época eleitoral também, quanto os políticos gostam de estar perto do povo”, explica a especialista.

Devido à vacinação da população, o número de pacientes internados e em UTI’s ainda não está em alta. Ontem, a taxa de ocupação total de leitos de UTI para covid estava em torno de 47,2% na rede pública e cerca de 53,6% na rede privada. A infectologista lembra, porém, que muitos ainda não se vacinaram com todas as doses, o que pode trazer graves consequências para o sistema de saúde. “O Estado, o poder público, tem que ir atrás de grupos que não foram imunizados. Pessoas doentes, incapazes, e trabalhadores que não têm tempo: esses ainda não encontraram formas de tomar algumas doses pendentes. Com o aumento da cobertura vacinal, a transmissão é mais difícil”, esclarece Joana D’Arc.

Procurada pelo **Correio**, a Secretaria de Saúde informou que “segue monitorando todos os casos de covid-19 e demais síndromes respiratórias agudas graves (SRAG)”. A pasta também informou que, desde o início da pandemia, os estudos sobre a doença são encaminhados ao Governo do Distrito Federal (GDF) para que sejam tomadas as decisões de intensificação ou de relaxamento das medidas de distanciamento social. O órgão ainda ressaltou que o estoque geral do DF possui mais de 500 mil testes para covid, e que a testagem está sendo feita na Rodoviária do Plano Piloto e em Unidades Básicas de Saúde (UBS).

* Estagiário sob a supervisão de Malcia Afonso

Obitório

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.dfg@dabr.com.br

Sepultamentos realizados em 7 de junho de 2022

» Campo da Esperança

André Gustavo Ferreira Carvalho, 51 anos
Celestino Ribeiro dos Santos, 66 anos
Giseuda da Silva Cardoso, 61 anos
Jamilia de Paula Reis, 37 anos
Manoel Antão Porcidiônio, 89 anos
Maria Bezerra do Vale, 68 anos

Mário Luiz Caruso, 64 anos
Otávio Soares de Macedo, 64 anos
Rogério Pereira da Silva, 43 anos
Sebastião Antônio dos Santos, 82 anos
Wanderley Belchior e Silva, 77 anos

» Taguatinga

Anita Gomes dos Santos, 60 anos

Aristides Gomes, 82 anos
Clebis Pereira da Silva, 49 anos
Fernando da Silva Machado, 84 anos
Filomena Francisco Bento, 76 anos
Francisco José Freire Ferreira, 67 anos
José Jerônimo da Silva, 50 anos
José Wilian Guilherme Rego, 37 anos

Luciana Francisca Machado, 86 anos
Margarida Souza dos Santos, 73 anos
Maria da Guia da Costa, 57 anos
Maria Estela Pereira, 63 anos
Marisa da Silva Souza Tomaz, 23 anos
Salvador Barbosa Soares, 27 anos

» Gama

Manoel Jonas Gonçalves, 82 anos
Maria do Amparo Pereira, 70 anos
Noah de Souza Façanha, menos de 1 ano

» Brazlândia

Guilherme Luiz Souza Guimarães, 33 anos

» Jardim Metropolitano

Rita da Silva Ribeiro, 81 anos
José Paulo da Silva, 75 anos
Arnaldo Duque Estrada, 87 anos (cremação)
Ravi Bonamini Figueira, menos de 1 ano (cremação)
Edson de Araújo Monte, 67 anos (cremação)
Sérvulo Vicente Moreira, 71 anos (cremação)